

Reportagem Especial

VÍCIO EM DROGAS

Sexo para pagar dívidas dos pais

Meninas com idades entre 12 e 17 anos são obrigadas a fazer sexo com traficantes por causa dos pais usuários de drogas

Elis Carvalho

Jovens, vulneráveis e expostas ao mercado cruel da prostituição. Esta é a realidade de algumas meninas do Espírito Santo. Com idades entre 12 e 17 anos, adolescentes estão abdicando dos seus sonhos para encarar um terrível pesadelo. Elas estão sendo obrigadas a fazer sexo com criminosos como forma de pagamento das dívidas dos seus pais. Há casos envolvendo crianças de até 10 anos.

De acordo com o conselheiro Ronaldo Correa Almeida, que atua no Conselho Tutelar de Paul, em Vila Velha, casos de pais que entregam filhas a criminosos estão se tornando comuns, porém a ação é velada. Segundo ele, o crime acontece de duas formas. Em uma delas, mães usam as filhas para ganhar vida confortável.

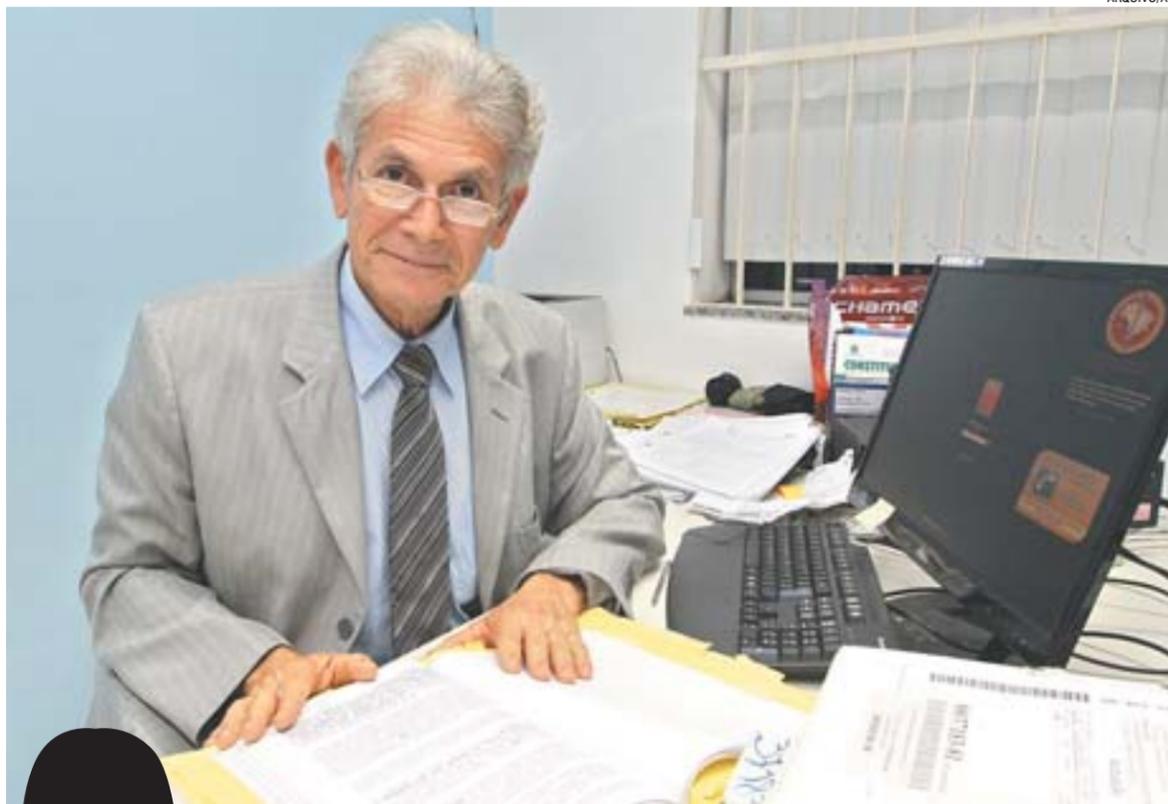
“As mães, normalmente solteiras e sem um suporte financeiro fixo, se aproximam, por interesse, de criminosos das áreas onde elas moram. Após fazerem amizade, apresentam as filhas adolescentes, para que eles possam se relacionar. Os criminosos iniciam o romance com as jovens e, conseqüentemente, passam a ter relações sexuais com elas. Em troca, eles bancam as mães e as casas dessas jovens”.

O crime também tem sido realizado de uma segunda forma, onde o aliciamento é feito de maneira ainda mais agressiva. As menores são entregues aos bandidos e obrigadas a fazer sexo para pagar dívidas de drogas dos pais.

“Recebemos denúncias de pais que entregam as filhas em troca de drogas ou para conseguir dinheiro para pagar dívidas de entorpecentes. Já vi mãe entregar até bebê de colo em boca de fumo, mas por sorte os traficantes não quiseram”.

Já uma menina de 14 anos, moradora da Grande Vitória, não teve a mesma sorte. Os pais da garota foram omissos sobre a relação da jovem com um criminoso. Meses depois, o bandido a levou para o Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio de Janeiro, onde ela passou a ser escrava sexual.

“Foi preciso a tropa de elite do Rio para retirar essa capixaba das mãos dos criminosos. O que vemos são casos de pais tolerantes e omissos, que acabam permitindo que a filha se relacione com bandidos para se beneficiar de alguma forma”, explicou o promotor de Justiça Clóvis Figueira, do Juizado da Infância de Vila Velha.



PROMOTOR DE JUSTIÇA Clóvis Figueira diz que muitos pais são omissos para levar vantagem



SAIBA MAIS

12 ANOS

é a idade em que as meninas começam a ser aliciadas

15 ANOS

é o tempo máximo que os pais podem pegar de prisão pelo crime

181

é o número do Disque-Denúncia, onde testemunhas de crimes podem denunciar os casos sem se identificar.

Perfil das vítimas

- > **AS MENINAS ALICIADAS** pelos próprios pais, obrigadas a fazer sexo com criminosos, normalmente têm idades entre 12 e 17 anos, segundo a polícia.
- > **ELAS COSTUMAM** ser de origem humilde, moradoras de bairros do interior do Estado ou de comunidades pobres da Grande Vitória.
- > **OS PAIS** ou padrastos das garotas normalmente são usuários de drogas.

Como é o crime

- > **A AÇÃO COMEÇA** quando os responsáveis pelas adolescentes oferecem as filhas para os criminosos em troca de dinheiro ou para quitar dívidas de drogas.
- > **O ALICIAMENTO** acontece ainda de uma forma mais velada. Os responsáveis pelas meninas apresentam as vítimas aos criminosos com a intenção de que elas passem a sair com os bandidos e, conseqüentemente, tenham re-

lações sexuais com eles. Em troca, os pais ou responsáveis ganham dinheiro, moradia e até drogas.

O que diz a lei

- > **O RESPONSÁVEL** envolvido nesse tipo de crime pode responder por estupro de vulnerável, podendo pegar de oito a 15 anos de prisão, além de perder a guarda da filha.
- > **DENÚNCIAS** podem ser feitas através do Disque-Denúncia (181) ou para a PM (190).

Abuso pode ser punido com até 15 anos de prisão

Relatos de meninas que são entregues pelos próprios pais para fazerem sexo com criminosos estão se tornando cada vez mais comuns, segundo a polícia. Mas o maior problema no combate a esse tipo de crime é a dificuldade para comprovação dos casos. Porém, se for provado o abuso, os pais podem pegar até 15 anos de prisão.

De acordo com o delegado Lorenzo Pazolini, titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), normalmente as denúncias apontam que os pais entregam as filhas para quitar dívidas de drogas.

“Em geral, são pais ou padrastos usuários de drogas que, para conseguir entorpecentes ou pagar dívidas, oferecem a filha ou enteada para traficantes. Estamos investigando os casos, mas é difícil comprovar porque as provas são testemunhais”, contou.

O delegado explicou que, na maioria dos casos, essas meninas são adolescentes e vivem em uma família desestruturada e sem laços de convivência harmônica com os pais. Ele conta que elas não concordam com o sexo, mas são obrigadas pelos pais e pelos criminosos após ameaças e chantagens.

As denúncias, segundo a polícia, são feitas principalmente por familiares ou vizinhos próximos, que conhecem a rotina da família.

Quem perceber uma situação semelhante deve denunciar o caso através do Disque-Denúncia (no número 181) ou da Polícia Militar (no número 190).

“Caso comprovado, os pais podem responder como coautores do estupro de vulnerável e podem pegar de oito a 15 anos de prisão. Já a vítima (seja criança ou adolescente) recebe uma medida protetiva prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente e é colocada para acolhimento familiar ou institucional ou, ainda, para adoção”.

CASOS

Mãe entrega filha de 13 anos a traficante

Uma mãe entregou sua filha de 13 anos nas mãos de um traficante de Santa Rita, em Vila Velha. Sem pensar no risco que a garota corria, a mulher aliciou a filha em troca de uma vida confortável bancada pelo bandido.

Segundo o conselheiro tutelar Ronaldo Correa Almeida, o criminoso foi assassinado e a menina, sem ter como se bancar, teve que voltar para casa.

Menina de 10 anos aliciada pela mãe

O Conselho Tutelar de Serra-Sede recebeu várias denúncias de que uma mãe estaria aliciando a filha de 10 anos. A menina estaria sendo obrigada a fazer sexo com homens, inclusive criminosos.

De acordo com o conselheiro Nildo Serafim, as denúncias apontam que a mãe recebe dinheiro em troca da prostituição infantil.

Pais oferecem filha em troca de comida

Em Campo Grande, Cariacica, uma menina de 13 anos foi influenciada pelos pais a ter um relacionamento com um traficante da região.

“Percebemos que os pais não faziam esforços para mudar a situação. Depois descobrimos que o bandido dava comida e pagava as contas dos pais da garota”, disse a conselheira tutelar Vanda Monteiro.



LORENZO PAZOLINI: denúncias

Reportagem Especial

VÍCIO EM DROGAS

Menina vira escrava sexual

Mesmo com uma vasta experiência em casos de violência contra a mulher, uma história específica tirou o sono da juíza Hermínia Azoury, coordenadora estadual de Enfrentamento à Violência Doméstica do Tribunal de Justiça. Ela resgatou uma menina de 13 anos, moradora de Pinheiros, Norte do Estado. A menor foi oferecida pelo padrasto como pagamento por uma dívida dele com o tráfico de drogas. Os bandidos não só aceitaram a negociação, como a fizeram escrava sexual da gangue.

De acordo com a juíza, o caso só foi descoberto graças ao ônibus do Juizado Itinerante da Lei Maria da Penha, veículo adaptado que visita cidades do interior do Estado para atender às necessidades técnicas do Poder Judiciário referentes à violência doméstica. O “Ônibus Rosa”, como é conhecido, passou por Pinheiros no início de 2014.

“Assim que chegamos à região, recebemos a denúncia de que uma menina estaria sendo feita escrava sexual em uma boca de fumo. Identificamos a mãe e o padrasto e, com a polícia, resgatamos a garota. Mas ficamos surpresos ao saber que ela havia sido entregue pelo próprio padrasto, como forma

de pagar as dívidas de droga que ele tinha”, lembrou a juíza.

Apesar do caso deixar chocados todos que participaram do resgate, a juíza afirma que outras adolescentes do Estado estão passando pelo mesmo pesadelo.

“Lembro que a menina estava amedrontada e traumatizada. A mãe não parava de chorar, pois tinha sido obrigada a aceitar aquilo e era vítima também. Fiquei tão assustada com a história que mal dormi naquela noite. Conseguimos salvar essa jovem, mas infelizmente sei que outras garotas passam pelo mesmo trauma, principalmente no interior”, afirma.

A juíza completou que, após o resgate, assistentes sociais e psicólogos do ônibus fizeram um estudo multidisciplinar com a mãe. “Explicamos para a mulher que ela deveria deixar de vez o marido ou perderia a guarda da menina. Completamente abalada, a moça optou pela filha”.

Nos meses seguintes, mãe e filha passaram a ser acompanhadas pelo Conselho Tutelar, além de passarem por tratamento psicológico. Já o padrasto da menina e o traficante que estava com ela foram autuados por estupro de vulnerável e presos.

CASO

Prostituição para bandidos

A omissão dos pais fez com que três meninas passassem a ser abusadas sexualmente por criminosos do bairro Cruzeiro do Sul, em Cariacica. Todas com 15 anos, as garotas eram obrigadas a fazer sexo com os bandidos.

Os pais não só sabiam que elas estavam envolvidas sexualmente com criminosos da região, como se beneficiavam do fato, uma vez que ficavam com o dinheiro recebido pelas filhas, segundo informaram conselheiros tutelares.

Ensinadas a admirar crime

Enquanto algumas meninas são obrigadas a fazer sexo para pagar dívidas dos pais, outras são influenciadas por eles, desde muito pequenas, a admirar o mundo do crime. Essas garotas crescem acreditando que estar ao lado de um bandido é a forma mais fácil para conseguir dinheiro.

Segundo a conselheira Eva Franson, do Conselho Tutelar de Laranjeiras, muitos pais se omitem ao relacionamento da filha com um bandido porque ele oferece uma vida mais confortável, pagando contas e até mesmo mobiliando a casa em que a família vive.

“Diariamente, no meio em que vivem, as adolescentes são influenciadas pelas amigas e às vezes até pelos pais a admirarem aquela vida. Para essas famílias, é uma questão de poder ser bancado por um traficante perigoso. As meninas começam a sair, conhecem esses caras e acham o máximo serem consideradas populares”.

Já o conselheiro Ronaldo Correa Almeida, do Conselho Tutelar de Paul, em Vila Velha, conta que as meninas, normalmente morado-



RONALDO: poder atrai as meninas

ras de comunidades mais pobres, são atraídas pela imagem de poder que o traficante passa.

As ‘novinhas’, como são chamadas pelos criminosos, recebem presentes, vão para festas e andam de carro. “Isso, para elas, é ter poder e status. Elas são facilmente atraídas e, muitas vezes, são os próprios pais que colocam essa ideia na cabeça delas”, disse.

“Ficamos surpresos ao saber que ela havia sido entregue pelo padrasto para pagar as dívidas de droga”



A JUÍZA HERMÍNIA AZOURY descobriu o caso de uma menina de 13 anos entregue a uma gangue pelo padrasto

Mãe vende filha em boca de fumo

Para quem vê de fora, as histórias podem parecer enredo de novela. Mas, infelizmente, os casos são reais. Duas mães da Grande Vitória entregaram seus filhos, um menino de dois meses e uma menina de 5 anos, em bocas de fumo. O motivo? Elas queriam pagar dívidas de drogas e acertar a conta do cartão de crédito.

O jornal **A Tribuna** conversou com o terapeuta Francisco Veloso, especialista em dependência química, que relatou um caso ocorrido em Cariacica.

De acordo com ele, uma cliente, que era viciada em crack e não tinha dinheiro para manter o vício, resolveu vender a filha de 5 anos para traficantes.

“Ela me procurou semanas após a venda e já nem sabia o paradeiro da filha, mas não se mostrava arrependida. Ela disse que, com o dinheiro, comprou mais drogas e pagou uma dívida do cartão de crédito. Por muito tempo isso ficou em minha cabeça”, lembra.

Ele contou ainda que, no início de 2015, outra cliente viciada em crack o procurou dizendo que precisava de dinheiro para recuperar o filho de dois meses que entregou a traficantes do Morro do Cruzamento, em Vitória.

“Ela tinha uma dívida de R\$ 1 mil e deixou o menino com os bandidos como garantia de que arrumaria o dinheiro. Desesperada, ela me procurou. Agi por impulso e fui até o morro conversar com os criminosos. Expliquei que ficar com a criança poderia dar muitos problemas a eles. Eles me devolveram o bebê, que estava sujo e com fome. Uma cena muito triste”.



ARQUIVO/AT

MORRO DO CRUZAMENTO, em Vitória, onde mãe entregou o filho de dois meses a traficantes como garantia de que arrumaria dinheiro para pagar dívida de drogas

“Marcas podem ficar para sempre”

Elas viram suas vidas serem transformadas em um verdadeiro pesadelo. Para piorar, os protagonistas desse trauma eram justamente aqueles que deveriam zelar pela qualidade de vida das meninas. Aliciadas à prostituição pelos pais ou responsáveis em troca de dinheiro, conforto ou drogas, essas adolescentes carregarão para sempre as marcas da violência que sofreram, afirmam especialistas entrevistados por **A Tribuna**.

Segundo o terapeuta Francisco Veloso, especialista em dependência química, a partir dos 5 anos de idade a criança já começa a memorizar o que acontece em seu cotidiano. A menina que passa pelo trauma de ser vendida ou aliciada jamais conseguirá esquecer o que passou e dificilmente irá recuperar a confiança nos pais.

“As marcas serão eternas. Após um longo trabalho com psicólogos e terapeutas, ela poderá aprender a conviver com esse trauma. É uma dor muito fácil de atingir a menina e difícil de sair dela. Tenho clientes que passaram por violên-

cia sexual e sei que carregam no peito um eterno misto de raiva e tristeza”, conta.

Já a psicóloga clínica Elaine Bello Bonorino afirma que, apesar das marcas eternas, é possível recuperar a inocência das vítimas e evitar transtornos psicológicos na vida adulta das garotas após uma intervenção adequada.

“Essas meninas vão carregar pa-

ra sempre marcas muito profundas. É preciso haver uma intervenção adequada, com proteção do poder público e psiquiatras, para fazer com que essas moças recuperem a inocência. Todo abuso sexual pode causar um transtorno na vida adulta, como ansiedade, angústia, medo e insegurança. Mas com tratamento adequado é possível evitar isso”, explica.

JULIA TERAYAMA - 16/07/2013



“Tenho clientes que passaram por violência sexual e sei que carregam no peito um eterno misto de raiva e tristeza”

Francisco Veloso, especialista em dependência química

“Perdi sítio, apartamento e carro por causa do vício”

Empresário de 47 anos conta que sofreu quatro acidentes de carro e teve o seu casamento destruído pelo vício em bebida alcoólica

Rayza Fontes

Um empresário capixaba foi dependente do álcool por 35 anos. Para sustentar o vício, que começou aos 12 anos, ele vendeu um apartamento, um sítio e um carro.

O empresário, de 47 anos, conta que bebeu pela primeira vez por curiosidade e para fazer parte de um grupo de colegas um pouco mais velhos que já bebiam. “Nos fins de semana a gente comprava cachaça e refrigerante com o dinheiro economizado da merenda.”

Ele tem dois filhos – de um casamento que durou três anos – e quatro filhas não registradas, que teve após a separação e, inclusive, não sabem de sua existência. Ele atribui o fato também ao álcool.

“Duas são da mesma mulher e as outras com mulheres diferentes. Não tinha condição de procurar por elas antes, mas agora tenho outra visão da vida e vou resolver isso também. Perdi o controle da minha vida, não sei se tenho mais filhos por aí, ou se já tenho netos. Tudo por causa das farras de bebedeira”, lamentou.

“Também perdi sítio, apartamento e carro por causa do vício”, completou o empresário.

Além de perdas materiais e de ter a relação com a ex-mulher e os

“Perdi o controle da minha vida, não sei se tenho mais filhos por aí, ou se já tenho netos. Tudo por causa das farras de bebedeira”



ADEMIR RIBEIRO/AT

EMPRESÁRIO frequenta reuniões do AA desde janeiro, quando reconheceu que precisava de ajuda e parou de beber

filhos comprometida, ele bateu de carro quatro vezes. Em todas, estava sob efeito de bebida alcoólica e afirma que não sabe como sobreviveu. “Quando eu penso nisso e lembro como os carros ficaram tenho certeza de que não morri por um milagre. E também foi graças a Deus que nunca matei ou feri gravemente outras pessoas.”

Ele frequenta as reuniões do Alcoólicos Anônimos (AA) desde janeiro, quando reconheceu que precisava de ajuda e parou de beber.

“Resolvi procurar depois de ter caído e me machucado seriamente por três vezes. Em todas estava bêbado. As pessoas achavam que eu

não ia sobreviver a esse ano.”

Sobre a rotina nos períodos em que perdeu o controle por causa do vício, ele contou que bebia em todos os momentos do dia e algumas vezes deixava até de tomar banho.

“Começava às cinco, seis da manhã, e ia até de noite. Ficava de ‘fogo’ três vezes por dia. Depois de um tempo parei de tomar banho, cortar o cabelo, fazer a barba, não comia direito. Parecia um mendigo.”

O empresário disse ainda não ter tido mais vontade de beber, mas reforça que o essencial para quem busca se recuperar é admitir o problema. “Sou doente, estou em tratamento. Só por hoje não vou beber.”

LUTA CONTRA O VÍCIO

Só queria beber

Um portuário de 31 anos, sóbrio há sete anos, percebeu que bebia muito mais do que qualquer outra pessoa que conhecia. O episódio que o levou a buscar ajuda foi um assalto, quando estava embriagado nas areias da praia de Camburi, em Vitória.

“Para mim, ser assaltado bêbado na praia foi o fundo do poço”, contou.

Expulso de casa aos 18 anos, ele disse que perdeu a família para o álcool. “Eu só queria beber. Perdi a convivência familiar e o respeito de todo mundo.”

Perdeu o controle

Um engenheiro de 67 anos contou que começou a beber aos 18 para se enturmar e perder um pouco a timidez, mas perdeu o controle.

“Antes eu só bebia em festa, evento. Depois de um tempo, já comprava para beber em casa. Fui dependente por 23 anos.”

Ao ser questionado sobre o futuro, cita os alcoólicos anônimos, instituição em que é assíduo, como inspiração. “Não posso garantir que nunca mais vou beber. Apenas por hoje digo que não.” afirmou.

EMPRESÁRIO “Sempre estava envolvido com o álcool”

A TRIBUNA - Você tem algum arrependimento?

EMPRESÁRIO - Tenho sim, muitos, na verdade. Mas o maior arrependimento da minha vida foi não ter parado de beber antes. Principalmente, antes da minha mãe morrer. Queria dar a ela essa alegria.

> O que já fez nesses cinco meses livre do álcool?

Olha, eu estava sem documento nenhum e agora já estou colocando em dia identidade, carteira de trabalho. Voltei a tocar o meu negócio de pintura. Eu costumava dizer que não vou reconstruir a minha vida, porque o que eu tinha antes não era vida. Vou começar a viver agora.

> O que fazia antes de ter o problema com o álcool agravado?

Já fiz muita coisa. Meu primeiro emprego, para ajudar, foi em uma fábrica de bebidas. Em quatro meses de serviço, eu tinha mais falta do que quem tinha 10 anos de empresa. Claro que fui demitido. Depois de muito tempo também tive uma lanchonete, que vendia bebida. De alguma forma eu sempre estava envolvido em coisas com álcool. Eu já cheguei a morar quatro anos na Europa e uma vez vim para o Brasil visitar a família com mais ou menos R\$ 20 mil. Não fiz nenhum investimento. Nada. Gastei tudo em festa e bebida.

“Costumo dizer que não vou reconstruir a minha vida, porque o que eu tinha antes não era vida. Vou começar a viver agora”

> Como ficou a sua relação com a família?

Eu casei, tive dois filhos, me separei. O meu casamento deu errado por causa do álcool. Eu não tinha condição de cuidar dos meus filhos, do casamento. Não tenho contato com os meus filhos e nunca pude falar sobre bebida e essas coisas com eles. Nunca fui exemplo. Um dia ainda vou retomar o contato com eles.

Depois da morte da minha mãe, a minha família passou a ser a minha irmã mais nova.

ONDE PROCURAR AJUDA

Alcoólicos Anônimos (AA)

> O GRUPO se define como uma irmandade de homens e mulheres com o objetivo de promover a própria recuperação e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo.

Reuniões

> AS REUNIÕES são abertas e todos são incentivados a compartilhar suas experiências com a garantia do anonimato.

> PARA SER MEMBRO do A.A. não há necessidade de pagar taxas ou mensalidades. Sobrevivem de doações dos participantes.



BEBIDA alcoólica: ajuda contra uso

Como encontrar um grupo do AA:

> NO ESPÍRITO SANTO são 90 grupos, sendo 40 deles na Grande Vitória.

> PARA DESCOBRIR o grupo mais próximo basta ligar para 3223-7268 ou acessar o site da irmandade, no endereço: <http://www.aabr.com.br/>.

> O AA oferece serviço de atendimento 24h no número (011) 3315-9333.

> OS MEMBROS ativos, ao serem procurados no telefone acima, também se oferecem para ir até quem precisa gratuitamente para apresentar o programa e ajudar na recuperação.

Fonte: Membros do AA e pesquisa/AT.